

La Comédiathèque

Cama e Café

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Cama e Café

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Fugindo do estresse da vida parisiense, Adão e Eva se instalaram em uma antiga fazenda onde, para quebrar um pouco o isolamento e complementar sua renda, eles prepararam uma casa rural. Mas seu primeiro casal de clientes chega e logo descobrirão que neste pequeno pedaço do paraíso, o inferno são os hóspedes...

Elenco

Adão

Eva

Francisco

Bernarda

© La Comédiathèque

Uma Tarde

O terraço de uma antiga quinta de montanha, recuperada para receber hóspedes. Serve também de sala de estar. Adão e Eva estão lado a lado, sentados em espreguiçadeiras.

Eva – Que sossego... De manhã, é o canto dos pássaros que me acorda, em vez do toque do telemóvel... Já estamos aqui há quase três meses e ainda me custa a acreditar... Sinto-me no paraíso.

Adão – A calma antes da tempestade...

Eva – É o paraíso na Terra, mas temos de continuar a ganhar o pão com o suor do rosto. Tu, claro, podes pintar em qualquer lado: tens-me a mim como modelo...

Adão – A minha musa...

Eva – E eu, que outra coisa podia fazer aqui, além de abrir um alojamento para hóspedes e vender queijo de cabra?

Adão – Mmm...

Eva (*pensativa*) – Os nossos primeiros clientes...

Adão – O batismo de fogo.

Eva – Temos de estar à altura. Conto contigo. Com a tua simpatia natural... O teu sentido de hospitalidade...

Adão – E eles? Achas que vão estar à altura? (*Uma pausa.*) Deixámos Paris para fugir daquela gente toda, e agora vamos tê-la a dormir em nossa casa todos os fins de semana...

Eva – E jantar...

Adão – Oh, não... Não me digas que também reservaram o jantar cá em casa!

Eva – Talvez sejam muito simpáticos! Podes considerá-los como amigos que convidei...

Adão – Aos meus amigos não cobro dinheiro.

Eva – Pois não. Aliás, nunca os convidas...

Adão – Talvez tenhas razão. Ao menos, se forem uns idiotas, quando nos pagarem à saída saberemos por que razão perdemos o dia a cozinhar para eles e a noite a fazer-lhes conversa.

Eva – Tudo depende de onde traças a fronteira entre os idiotas e o resto da humanidade. Se calhar, nós também somos idiotas. O que é, para ti, um casal de idiotas?

Adão – Não sei... A estupidez não se define, reconhece-se. Sabes aquela frase: não existe amor, só provas de amor? Com a estupidez é a mesma coisa...

Eva – Mmm...

Adão – Ainda há pouco tempo estávamos rodeados deles, lembra-te? Reconhece-se um casal de idiotas até às escuras! (*Eva lança-lhe um olhar distraído.*) Quando entram atrasados no cinema, por exemplo. Em vez de se sentarem na ponta da fila, passam por cima de dez pessoas para ficar mesmo ao meio. Em cima do teu chapéu. Depois passam dez minutos a olhar para o ecrã iluminado do telemóvel, para confirmar que o mundo continua a girar sem eles enquanto dura o filme.

Eva – Quando a senhora não sai da sala um quarto de hora depois para atender uma chamada urgentíssima. Para não incomodar ninguém, evidentemente.

Adão – Aí tens um casal de idiotas de categoria internacional.

Eva – Pelo menos aqui já não temos esse problema. O cinema mais próximo fica a cinquenta quilómetros.

Adão – Ah, sim? Infelizmente, os idiotas viajam muito, sabes...

Eva – Até no campo?

Adão – E porque achas que eles têm um todo-o-terreno e GPS? Um idiota vai a qualquer lado, até pelos caminhos de cabras que levam àqueles pequenos paraísos cujas moradas alguém teve a imprudência de publicar num site de alojamento rural... (*Ouve-se o motor de um veículo e o balido das cabras, perturbadas.*) Olha, aí vêm eles...

Eva – Já? Meu Deus! Ainda nem acabei de preparar o quarto...

O barulho do motor afasta-se.

Adão – Não, estes vão só de passagem. Devem estar em transumância para sul. É a época.

Adão começa, muito concentrado, a enrolar um charro.

Eva – E se fosse apanhar morangos silvestres? São tão perfumados... Podia fazer-lhes uma tarte. Não é todos os dias que comem morangos silvestres em Paris. Vens comigo?

Adão – Para onde?

Eva – Ao bosque!

Adão – Espera lá, os morangos silvestres são minúsculos! Precisavas de uns mil para fazer uma tarte!

Eva – Mesmo uma tarte pequena?

Adão – Só de pensar nisso, já me dói as costas...

Eva – Apanho-os eu. Tu fazes-me companhia. Até podias aproveitar para fazer uns esboços e apanhar ar...

Adão – Paisagens? Quem pintava ao ar livre eram os impressionistas. Eu sou pintor de interiores. Além disso, parece-me que o céu está a ficar encoberto, não?

Eva – Valia a pena termos vindo viver para a montanha para continuares a pintar nus no ateliê... Então, vens comigo?

Adão – Sinceramente, não suportaria ver-te a esfalfar por pessoas que nem conhecemos. Aposto que nem distinguiriam os teus morangos silvestres de um morango espanhol do tamanho de um melão, enviado de avião diretamente de uma estufa de plástico com rega automática.

Eva – Reconheço que três ou quatro desses chegam para fazer uma tarte... Ainda devo ter alguns no congelador.

Adão – Às vezes pergunto-me o que viemos fazer para aqui.

Eva – Fui eu quem teve a ideia de deixar a cidade para nos instalarmos no campo, mas tu escolheste este lugar...

Adão – É verdade. *(Em êxtase.)* É o paraíso... *(Voltando a si.)* Mas no paraíso só havia Adão e Eva... E não lhes passou pela cabeça abrir um alojamento local. Aproveitámos o paraíso durante três meses, mas agora vais ver: o inferno são os hóspedes...

Eva *(irónica)* – Essa foi genial... Até Sartre ficaria orgulhoso.

Adão – Pronto, já disse a piada. *(Suspira.)* Felizmente, só temos um quarto para duas pessoas. Ao menos livramo-nos das crianças. Não suporto os filhos dos outros.

Eva – E como nós não temos...

Adão – Se tivéssemos filhos, acho que os suportaria melhor do que os dos outros... *(Acende o charro e oferece-o a Eva.)* Queres?

Eva – Não, obrigada...

Adão – É biológico... Cultivado na propriedade...

Eva – Preciso de manter a cabeça no sítio para receber os hóspedes... *(Levanta-se.)* Tens razão, os morangos silvestres ficam para outra altura. Vou começar por lhes fazer a cama. E tu, o que pensas fazer o resto do dia?

Adão – Acho que vou dormir a sesta, para estar esta noite na melhor forma e animar os hóspedes, como se fosse um animador do Club Med...

Eva – Também não é preciso estares assim tão em forma... *(Prepara-se para entrar em casa.)* Preferia que não te apanhassem a fumar um charro quando chegarem...

Adão – Pronto. Adeus, liberdade. Agora vou ter de fumar às escondidas... Mas não te preocupes, hei de ouvi-los chegar com o todo-o-terreno a gasóleo a fazer um barulho infernal...

Eva desaparece. Sozinho, Adão dá umas passas no charro, fecha os olhos e começa a dormir. Aparece no terraço uma mulher com roupa de caminhada, mochila e, eventualmente, uma cruz ao pescoço. Tem um ar de escuteira, até pela boina. Sem reparar em Adão, observa o local à procura de maneira de se anunciar. Ao ouvir-lhe os passos, Adão desperta um pouco, mas mantém os olhos fechados.

Adão – Estava a imaginar-te a limpar o pó do quarto, com o avental branco e o espanador...

Adão *(abrindo os olhos)* – Então mudaste de ideias? Sempre queres fazer a sesta comigo?

Adão vê Bernadette e percebe o engano. Como uma criança apanhada em flagrante, apaga precipitadamente o charro e tenta dissipar o fumo. Ela está ainda mais embaraçada do que ele.

Bernadette – Olá... Peço desculpa... Não queria acordá-lo.

Adão – Não, não estava propriamente a dormir... Está a recolher donativos para os escuteiros? Pensei que, ao refugiar-me aqui, ficava livre dessas coisas...

Bernadette (*sorrindo*) – Sou a Bernadette... Fui eu que telefonei por causa da reserva...

Adão (*reparando na mochila*) – Ah, já percebi... Mas não era preciso trazer saco-cama. A minha mulher está a preparar o vosso quarto. Agora, se preferirem montar uma tenda no jardim...

Bernadette – Não, não... São apenas as nossas coisas de viagem...

Adão – Não me diga que vieram a pé de Paris...

Bernadette – Só da estação de comboios. Começamos a caminhar amanhã. Estamos a fazer o Caminho de Santiago de Compostela. Um bocadinho todos os anos...

Adão – E a dormir em alojamentos turísticos...?

Bernadette – Esteja descansado, não somos fundamentalistas.

Adão – Não estava preocupado. Não temos nada contra a religião. A minha mulher até é assinante de uma revista francesa de televisão... e nem temos televisão!

Bernadette – Na verdade, somos pouco crentes...

Adão (*impressionado*) – Já vi muita coisa pouco credível na vida, mas é a primeira vez que encontro peregrinos tão pouco crentes... Pelo menos já temos assunto de conversa para esta noite...

Bernadette – Dantes passávamos as férias na Provença, mas aquilo tornou-se tão turístico... E tão caro!

Adão – E a parte menos conhecida da Provença? Dizem que ainda é um pouco mais barata...

Bernadette – Era... Agora, nem imagina. Também está pela hora da morte.

Adão – Como ainda não inventaram uma Provença barata, optaram pela peregrinação. Mas sente-se, deixe a mochila. Quer beber alguma coisa?

Bernadette deixa a sua mochila.

Bernadette – Um copo de água, se faz favor. (*Adão serve-lhe água.*) Para nós, esta peregrinação é acima de tudo... uma experiência espiritual muito pessoal.

Adão – E sem gastar uma fortuna. Fazem muito bem.

Bernadette – É também uma oportunidade para fazer algum exercício, perder alguns quilos e descobrir França de uma forma diferente.

Adão – Compreendo. Também eu vou todos os anos a pé à missa do galo. Principalmente pelo ambiente...

Bernadette – Também para nos encontrarmos um pouco. Quero dizer... com o meu marido.

Adão – Ah, sim... E onde está ele...?

Bernadette *(um pouco preocupada)* – Começo a perguntar-me se já não o perdi... Insistiu em apanhar um atalho... *(Com ar cúmplice.)* Sabe como são os homens... Discutimos um bocadinho sobre o caminho a seguir. Nada de grave...

Bernadette molha os lábios no seu copo.

Adão – E quantos quilómetros fazem por ano?

Bernadette – Depende dos anos. Mas calculamos que a este ritmo, ainda nos faltam dez anos para completar a peregrinação.

Adão – Até lá, talvez tenham recuperado a fé.

Bernadette – A vossa casa é realmente magnífica. Ainda mais bonita do que no site. São da região?

Adão – Não... Também somos uns parisienses em busca de espiritualidade, só que escolhemos a versão sedentária. Comprámos a quinta há seis meses a uns agricultores sufocados pelas dívidas. Já nem conseguiam pagar o empréstimo das vacas.

Bernadette – Ah, sim, com a crise na indústria do leite.

Adão – Comprámos a quinta à viúva por uma ninharia...

Bernadette – A viúva...

Adão *(com ar grave)* – O marido enforcou-se. Precisamente naquela viga do vosso quarto. Mas entretanto renovámos tudo, claro! Fiz as obras sozinho, incluindo as pinturas. Percebo um bocadinho do ofício. Mantive o estilo rústico, naturalmente. Vai ver como é acolhedor...

Bernadette parece um pouco perplexa. Eva volta, intrigada com os ruídos da conversa.

Eva – Olá...

Bernadette *(levantando-se para cumprimentá-la)* – Deve ser a Eva, certo?

Eva – Olá, Bernadette. Já conheceu o Adão?

Bernadette – Adão e Eva... É engraçado.

Eva – Sim...

Bernadette – Em qualquer caso, vivem no paraíso... Mas o Adão estava-me a contar a história da casa... O drama que aconteceu aqui... Tudo isso... *(Eva lança um olhar suspeito a Adão)* O trabalho de renovação não foi demasiado difícil...?

Eva – Qual quê! Não fizemos obra nenhuma. Nenhum de nós tem jeito para bricolage. Foi por isso que escolhemos esta casa. Adão já lhe terá contado: pertencia a um casal

inglês, mas com a queda da libra... *(Bernadette olha para Adão, que faz cara de inocente.)* O seu marido não veio consigo?

Bernadette – Deve chegar a qualquer momento...

Adão – A senhora e o marido estão a fazer o Caminho de Santiago. Juntos...

Eva – Meu marido ofereceu-lhe algo para beber?

Bernadette – Sim, obrigada. Mas não quero incomodar-vos...

Eva – Aqui vemos pouca gente. Para nós até é uma distração. Talvez seja melhor mostrar-lhe o quarto?

Bernadette – Sim, vou pousar a mochila e refrescar-me um pouco, se não se importa...

Eva – Faça favor, siga-me. Pelo caminho vai conhecendo a casa.

Bernadette – Obrigada.

Entram na casa.

Eva – É preciso subir alguns degraus... O quarto fica no sótão, mas tem um pé-direito razoável. E as vigas ficam à vista...

Adão sorri e prepara-se para voltar a adormecer quando vê um homem a aproximar-se. Levanta-se da espreguiçadeira.

Adão – Bem, acho que a sesta acabou.

Olha para o homem que se aproxima e eleva a voz para se dirigir a ele.

Adão – Bom dia! Mantenha-se no caminho central. Pusemos minas antipessoais dos lados para as crianças não pisarem a relva!

Jacques chega, um pouco ofegante, com o mesmo traje de escuteiro e uma mochila às costas.

Jacques – Desse lado pode estar descansado. Deixámos a nossa filha em Paris. Mas não tem receio pelos seus filhos...?

Adão – Eu não queria ter filhos e a minha mulher não podia. Ou vice-versa, já nem me lembro. A vida sabe o que faz. Em vez de poupar para pagar os estudos deles até aos trinta anos, comprámos uma casa com piscina.

Jacques – De qualquer forma, é realmente magnífico... Toda esta vegetação... *(O balido de uma cabra é ouvido)* A Bernadette já chegou...?

Adão – A minha mulher está a mostrar-lhe a casa. *(Como quem enuncia um facto.)* Não tem sede.

Jacques *(educadamente)* – Não, não muito...

Adão – Ainda bem.

Jacques – Não quero incomodá-lo...

Adão – Não me incomoda. Estava a tentar dormir a sesta. Aliás, não sei porque insisto: nunca consegui adormecer de tarde na vida. Mas sabe como são os preconceitos... Uma pessoa pensa: agora que moro no campo, tenho de fazer a sesta. Costuma fazer a sesta?

Jacques – Nas férias, às vezes... (*Enxuga a testa com uma toalha*) Está calor, não está? Perdi-me um pouco. Além disso, há uma subida íngreme para chegar à vossa casa...

Adão – Vá, sirvo-lhe um copo de água fresca, senão a minha mulher zanga-se comigo. Não é obrigado a bebê-lo. É só para eu cumprir o meu dever...

Jacques – Nesse caso... (*Adão serve-lhe um copo de água*) Obrigado.

Jacques, sedento, esvazia o copo de um trago.

Adão – A sua mulher contou-me que estão a fazer o Caminho de Santiago. Não sabia que passava pelos Alpes. De Paris para lá não é o caminho mais direto, pois não?

Jacques – Digamos que é uma variante... Queríamos visitar a região...

Adão – Isso tranquiliza-me. Tinha algum receio de que fôssemos invadidos por peregrinos. Talvez nem todos sejam tão divertidos como vocês.

Jacques – Há pouco tentei ligar à Bernadette, mas não havia rede...

Adão – Encantos do campo... É um dos últimos sítios de França sem cobertura. Para aceder à internet temos de subir à montanha ali adiante. Como Moisés quando foi descarregar as Tábuas da Lei: também teve de subir para apanhar rede.

Jacques – Ah, sim, é... Muito calmo.

Adão – Estamos numa espécie de buraco negro das telecomunicações. Foi até por isso que escolhi esta casa: sem rede, não há chatos. Em princípio...

Bernadette volta e vê o marido.

Bernadette – Ah, estás aqui! Estávamos a começar a pensar que te tinhas perdido.

Jacques – Não, não... Estive a conversar um pouco com o Adão...

Bernadette – Eu disse-te para virares à esquerda. (*Dirigindo-se a Adão.*) Mas ele nunca me dá ouvidos. Anda, vem ver o quarto. Vais adorar...

Jacques (*para Adão*) – Bem, até logo então...

Adão – Estejam à vontade, não temos pressa nenhuma...

Ambos entram na casa. Eva volta pelo outro lado e parece preocupada.

Eva – O marido dela chegou?

Adão – Estão no quarto... Não te cruzaste com eles?

Eva – Estava na cozinha...

Adão – Calma, não é assim tão grave. Até lhes ofereci algo para beber.

Eva – A Bernadette tem uma arma.

Adão – Perdão?

Eva – A Bernadette... Tem uma arma... Voltei ao quarto para levar as toalhas. Bati à porta, mas ela não ouviu. Estava na casa de banho. A mochila estava numa cadeira. Sem querer, deitei-a ao chão e vi um revólver lá dentro...

Adão – E depois?

Eva – E depois? Voltei a colocar a mochila na cadeira e saí.

Adão – Isto está a ficar interessante... Mas tens a certeza de que era um revólver?

Eva – Não ia vasculhar na mochila dela, claro. Mas já vi um revólver antes.

Adão – Ah, sim? Onde?

Eva – Não sei... Na televisão...

Adão – Talvez não fosse real...?

Eva – Como assim?

Adão – Talvez fosse um brinquedo...

Eva – Mas o que é que peregrinos fazem com uma pistola de brincar na mochila?

Adão – Não sei... O Caminho de Santiago é longo. Talvez andem a brincar aos cowboys e aos índios para passar o tempo. Devíamos espreitar também a mochila dele, a ver se tem arco e flechas...

Eva – Estou a falar a sério, Adão.

Adão – Talvez seja uma recordação que compraram para a filha.

Eva – Achas isso?

Adão – Não sei... As meninas geralmente não brincam com esse tipo de pistolas, a menos que tenham pais muito perturbados... E, além disso, um revólver, mesmo de brincar... É bastante raro encontrar esse tipo de produtos nas lojas de lembranças dos mosteiros...

Eva – Escuta, Adão, eles vão passar a noite cá em casa. Talvez devêssemos chamar a polícia...

Adão – A não ser que eles sejam a polícia...

Eva olha intrigada.

Adão – Viste como andam vestidos? Não há nada mais parecido com um escuteiro do que um polícia à paisana. Estão aqui em vigilância. Talvez andem atrás de terroristas. A peregrinação e o alojamento são só uma história de cobertura. Bastante pouco convincente, diga-se...

Eva – Uma cobertura...? Isso lembra-me que me esqueci de lhes levar outra manta!

Adão – Tens os contactos deles em Paris?

Eva – Tenho um número de telemóvel e uma morada. Mas podem ser falsos... Que terroristas? (*Assustada.*) A Al-Qaeda...?

Adão – Eu estava a pensar nos bascos.

Eva – Por que os bascos?

Adão – Bem, o Caminho de Santiago passa pelo País Basco, não passa?

Eva – Estamos no meio dos Alpes!

Adão – Ou talvez eles sejam os terroristas...

Eva (*aterrorizada*) – Árabes ou bascos?

Adão – Como é que se distingue um basco de um árabe com uma boina na cabeça?

Bernadette retorna.

Bernadette – Obrigada pelas toalhas. Estou a interromper?

Eva – De modo algum.

Adão – Estávamos precisamente a falar de si. Foi por isso que nos calámos quando chegou. A minha mulher estava preocupada com a manta para a cama.

Bernadette – Vai ficar bem, obrigada. Não temos frio. E, além disso, estamos em julho...

Adão – Aqui as noites podem ser frias, mesmo em julho. Estamos nas montanhas. Dizem que já houve geadas em pleno verão e até neve a 15 de agosto...

Eva – Bem, ainda não vivíamos cá, mas foi o que nos contaram os agricultores da região.

Adão – Sabe como são os camponeses: mesmo sóbrios, dizem cada disparate... Imagine depois de beberem uns copos.

Eva olha para ele com fastio.

Bernadette – Que silêncio... Não se ouve nada... Para quem vem de Paris, até faz impressão nos ouvidos. Mas havemos de nos habituar...

Adão – Pois... Nós é o contrário. Mal nos tínhamos habituado ao silêncio...

Eva – O vizinho mais próximo que fala sem ser por grunhidos fica a cinco quilómetros. E só aparece nas férias escolares.

Adão – Conhece a origem da antiga expressão francesa «cretinos dos Alpes»?

Bernadette – Não.

Adão – Antigamente falava-se dos «cretinos dos Alpes». Dizia-se que faltava iodo nestas montanhas, e que o iodo é indispensável ao cérebro. Tanto elogio ao ar puro da montanha... Afinal é melhor não ficar cá muito tempo! Nós estamos aqui há três meses e já começamos a sentir a cabeça um bocado mole. Não é, querida?

Eva lança-lhe um olhar furioso.

Bernadette – É verdade que estão muito isolados aqui...

Adão – Às vezes até assusta. Sobretudo à noite, quando pensamos no que aconteceu nesta casa... Ainda bem que vieram fazer-nos companhia. De outro modo, só tínhamos o gado...

Bernadette olha para o público, que representa a paisagem vista do terraço.

Bernadette – Ah, sim, as ovelhas... É diferente de Paris...

Adão – Embora... Quanto mais observo as ovelhas, mais semelhanças encontro com os parisienses. Vivem em rebanhos. Tosquiam-lhes a lã e, com a pouca aveia que recebem em troca, nem nos saldos conseguem comprar um casaco sintético...

Bernadette – Dão aveia às ovelhas?

Adão – Era só para levar a metáfora da lã até ao fim...

Eva – Além disso, não são ovelhas, são cabras.

Bernadette sorri educadamente.

Bernadette – E aquele verde todo... O que são aquelas plantações?

Adão – Aquilo? É a nossa plantação privada de canábis. O isolamento tem as suas vantagens. E garanto-lhe que é da boa. Se estiver interessada...

Eva olha para ele com desdém.

Eva – Vão jantar connosco, não vão? Foi o que disseram quando reservaram. Mas não são obrigados, naturalmente, se preferirem descansar...

Bernadette – Claro que sim, com muito gosto. Também gostamos deste tipo de alojamento para conhecer as pessoas da terra...

Eva – Então tiveram azar: nós não somos propriamente da terra.

Adão – Somos como os ursos dos Pirenéus: reintroduziram-nos para a espécie não desaparecer. De vez em quando comemos uma ovelha. E nem somos capazes de nos reproduzir. Espero que não acabemos abatidos por um caçador...

Eva – Para a entrada, comprei presunto de Bayonne, do sudoeste de França. Mas, se não comem carne de porco...

Bernadette – Adoro presunto de Bayonne.

Eva – Ah... Então, pelo menos, não são muçulmanos...

Adão – Aliás, não deve haver muitos muçulmanos a fazer o Caminho de Santiago, certo?

Eva – E bascos, talvez?

Bernadette – Também não... Porquê?

Eva – Não, não, estava apenas a perguntar... Como gostam do presunto de Bayonne...

Silêncio desconfortável.

Bernadette (para Adão) – Foi o senhor que pintou os quadros que vi lá dentro?

Adão – Sim.

Bernadette – Tem mesmo talento.

Eva – Sim... É um génio que merecia reconhecimento...

Adão – Não é fácil acreditar em nós próprios sem nos levarmos demasiado a sério. O problema é que, quase sempre, os outros é que não nos levam a sério.

Bernadette – E você?

Eva – Eu?

Bernadette – Imagino que gerir os quartos lhe ocupe bastante tempo. Ainda consegue fazer mais alguma coisa?

Eva – Ainda não sei. Vocês são os nossos primeiros clientes...

Bernadette – Mesmo? Então teremos de estar à altura.

Adão – Sim, foi o que disse à minha esposa esta manhã, justamente.

Eva – O que estávamos a dizer é que precisamos estar à altura...

Bernadette – E o que faziam antes de se mudarem para cá?

Eva – Eu era professora de francês. Mas dar aulas hoje em dia... Tornou-se muito difícil. Já tinha a impressão de não falar a mesma língua que os alunos. Enquanto não traduzirem Proust para linguagem de SMS... Há seis meses comprámos esta casa para mudar de vida. Veremos... E vocês, o que fazem?

Jacques volta.

Jacques – Olá...

Eva – Olá.

Bernadette – Acho que ainda não conhece o meu marido... Jacques, esta é a Eva e este é o Adão.

Jacques – Adão e Eva... Que engraçado...

Eva – Sim... Querem beber alguma coisa?

Jacques – Adão já me ofereceu um copo de água.

Eva – Bem, então podemos passar para o aperitivo, que vos parece?

Jacques – Porque não?

Eva – O meu marido vai levar-vos uma manta para o quarto. Depois logo veem se precisam dela. Não é, querido?

Adão – Achas mesmo que é necessário?

Eva (*firmemente*) – Não disseste que podia gelar esta noite?

Adão levanta-se finalmente da espreguiçadeira, contrariado.

Adão – Bem, então vou...

Eva – Vou buscar as garrafas.

Bernadette – Querem que o meu marido os ajude?

Eva – Não, não, obrigada, vamos ficar bem.

Adão e Eva saem juntos.

Eva (*em voz baixa, para Adão*) – Aproveita que estão os dois cá fora e vai ver o que têm nas mochilas... Ela tem um revólver, digo-te eu... (*Em voz alta.*) Trazes uma manta do armário da entrada, querido?

Jacques e Bernadette ficam a sós. Trocam um olhar preocupado.

Bernadette – São um bocadinho esquisitos, não são?

Jacques (*distráido*) – Achas?

Bernadette – Viste os quadros dele lá dentro?

Jacques (*com interesse*) – Vi, sim...

Bernadette – Uma obscenidade!

Jacques – São um bocado ousados... Mas enfim...

Bernadette – Um bocado? O homem é um tarado!

Jacques (*sonhador*) – Achas que é ela quem lhe serve de modelo?

Bernadette (*seca*) – Porque perguntas?

Jacques – Porque... é uma mulher bonita...

Bernadette – Sim, bem...

Jacques – É, pois...

Bernadette – A sério, imaginas-te a pintar-me nua e a pendurar o quadro por cima da lareira da nossa sala de jantar...?

Jacques (*olhando para ela*) – Não...

Silêncio.

Bernadette – E o quarto? Achas que merece três espigas?

Jacques – Não é muito grande, e o teto é baixo, mas tem personalidade. Com aquelas vigas à vista...

Bernadette – O sujeito que se enforcou naquele armário de vassouras devia ser contorcionista...

Jacques – Veremos o que nos servem para o jantar.

Bernadette olha para as cabras, isto é, para o público.

Bernadette – Estas cabras são estranhas, não achas?

Jacques – Ah, sim...

Bernadette – Não vês?

Jacques também olha.

Bernadette – Estão a olhar para nós e parece que estão a rir...

Jacques – Ah, sim, talvez...

Bernadette – Temos de reconhecer que a vista é magnífica. Apetecia-me tirar uma fotografia para o relatório... (*Jacques não se mexe.*) Então? Vai buscar a máquina!

Jacques – Sim, sim, vou...

Jacques sai. Eva regressa com um carrinho cheio de garrafas.

Eva – Ora bem... Que vos sirvo? Não me diga que voltou a perder o marido?

Bernadette – Foi buscar a máquina fotográfica ao quarto.

Eva – Bolas!

Bernadette (*surpreendida*) – Perdão?

Eva – Não, não, entornei os amendoins, mas não tem importância... Então, que deseja?

Bernadette – Há alguma especialidade local?

Eva – Vinho de dente-de-leão?

Bernadette – Ah, sim?

Eva – Não sei se é realmente uma especialidade local. Foi o agricultor aqui ao lado que nos disse isso. Compramos-lhe o vinho. Aviso já que é um bocado especial... Aliás, o agricultor também é um bocado especial.

Bernadette – Espero que não me envenenem...

Eva – Ah, o veneno é uma arma de mulher... Mais do que um revólver, quero dizer...

Bernadette parece um pouco desconcertada, mas recupera-se rapidamente.

Bernadette – Não importa, arrisco.

Adão regressa.

Adão – Já conseguiu impingir-lhe o vinho de dente-de-leão?

Eva – O que vais beber?

Adão – Não isso, pelo menos da última vez que bebi, quase morri...

Eva – O meu marido está a brincar...

Adão – Prefiro um copo de absinto.

Eva – Absinto? Mas não era proibido em França?

Adão serve-se.

Adão – Compro-o na Suíça, a fronteira fica aqui perto. Desde que o bebo, é verdade que me está a cair o cabelo e às vezes tenho alucinações... Chego a ter vontade de matar alguém. Mas, se quero pintar como Van Gogh... O absinto deu cabo da cabeça dele, e acabou por se suicidar. Mas que talento!

Jacques regressa.

Eva – E o senhor, Jacques? Que lhe sirvo?

Jacques – Um vinho do Porto, se tiver...

Eva – Ai, esqueci-me do Porto!

Bernadette – Não faz mal. O meu marido bebe outra coisa, não é, Jacques? Bebe absinto com o Adão...

Jacques – Claro... Um absinto está ótimo.

Eva – Não, não, eu trato disso. Adão, vais buscar o gelo? Desculpem um instante...

Adão e Eva saem. Bernadette repara que Jacques está perturbado.

Bernadette – Parece que viste um fantasma. Não me digas que era o homem que se enforcou no quarto...

Jacques – Quando fui buscar a máquina, ele estava a remexer na tua mochila...

Bernadette – Não me digas!

Jacques – Antes de irmos embora, é melhor ver se não nos roubaram nada.

Bernadette – Bem te disse que são esquisitos... E se arranjassemos uma desculpa para ir embora?

Jacques – Uma desculpa?

Bernadette – Não sei. Uma emergência. A morte de um familiar... Uma fuga de gás...

Jacques – A nossa caldeira funciona a gasóleo.

Bernadette – Por isso é que eu disse uma desculpa...

Jacques – Tu achas...?

Bernadette – Tenho um mau pressentimento... *(Com ar sombrio.)* E sabes como as coisas costumam acabar quando tenho um mau pressentimento...

Eva regressa com uma garrafa de vinho do Porto e serve Jacques.

Eva *(para Jacques)* – Este vinho do Porto veio diretamente de Portugal. A senhora que nos ajuda nas limpezas trouxe-o de lá, quando voltou de férias.

Bernadette – Acha que o vinho do Porto que se compra em França não vem necessariamente de Portugal?

Eva parece um pouco confusa.

Jacques – A minha mulher está a brincar...

Eva (*para Bernadette*) – Eu também bebo o vinho de dente-de-leão, se isso a tranquiliza. Prometo provar primeiro. Se não morrer logo ali, a contorcer-me em espasmos horríveis, já pode beber à vontade.

Adão regressa.

Adão – Cá estão os cubos de gelo. (*Para Bernadette.*) Bem frio, até se bebe melhor. Quase não se sente o sabor do dente-de-leão... (*Todos erguem os copos.*) À nossa saúde! (*Bernadette bebe um gole com cautela.*) Não quero ser indiscreto, mas há uma coisa que me intriga: uma peregrinação sem fé... Como é que isso funciona?

Bernadette – Acreditam em milagres?

Adão – Está a falar daqueles terremotos que matam duzentas mil pessoas, e em que, semanas depois, alguns voluntários arriscam a vida para salvar uma ou duas pessoas dos escombros, mas toda a gente agradece o milagre a Deus?

Bernadette – Nós também já fomos salvos por milagre... Mais do que uma vez. Somos, por assim dizer, polimilagrosos.

Jacques – A minha esposa quer dizer que já escapámos várias vezes à morte.

Eva – A sério...?

Jacques – Por exemplo, lembram-se do Concorde que caiu em Roissy, perto de Paris, no ano 2000?

Eva – Ah, sim, claro.

Bernadette – O meu marido ia nesse avião. Já estava no aeroporto, mas escorregou num sabonete ao sair da casa de banho, caiu e partiu o cóccix. Ficou sem poder embarcar...

Jacques – As malas já tinham seguido. Nunca mais as vi...

Adão – Que estranho... Nunca ouvi contar isso... (*Lança um olhar cúmplice a Eva.*) E pensar que nunca se soube muito bem como é que aquele avião explodiu ao descolar...

Eva (*para Bernadette*) – E você não estava com o seu marido...?

Bernadette – Eu só o tinha acompanhado ao aeroporto... Tínhamos passado a noite num hotel. Quando voltei para pagar a conta, já não passava de um monte de cinzas.

Jacques – Foi em cima desse hotel que caiu o Concorde.

Bernadette – Se tivesse chegado cinco minutos mais cedo, também lá estava... E também nunca mais vi as minhas malas...

Jacques – Foi então que decidimos fazer o Caminho de Santiago de Compostela.

Adão – Para que Deus lhes devolvesse as malas?

Bernadette – Para agradecer... digamos à Providência.

Silêncio embaraçoso.

Jacques (*com ar sério*) – A senhora acredita na vida para além da morte, Eva?

Eva fica um pouco surpreendida.

Eva (*a brincar, para aliviar a tensão*) – Quer dizer... a quarta dimensão, essas coisas?

Adão – Eu cá acho que o paraíso e o inferno são aqui na Terra. Podemos passar de um para o outro no mesmo dia... Aliás, já o disse à Eva esta manhã. Não foi, querida?

Silêncio.

Bernadette – Seja como for, a vista é magnífica... Todo este verde... (*Para Jacques.*) Não trouxeste a máquina fotográfica, Jacques?

Jacques – Com toda esta conversa, esqueci-me...

Adão – A vantagem de não ter memória é que nunca nos aborrecemos. A minha mãe tinha Alzheimer. Se eu desaparecesse da vista dela por um segundo, quando voltava era como se me visse pela primeira vez. Ficava sempre muito contente...

Jacques – Vou buscá-la.

Bernadette – Vou contigo buscar um casaco. Está a ficar um bocadinho fresco, não está?

Jacques e Bernadette saem.

Eva – Então...?

Adão – Não tive tempo de ver quase nada. O marido apanhou-me com a mão na massa...

Eva – Estava mesmo em cima! Uma pistola de coronha preta e cano prateado!

Adão – A única coisa preta e prateada que encontrei foi um secador de cabelo... (*Olha para ela, desconfiado.*) Diz-me cá: não terás confundido um secador com uma pistola?

Eva não parece muito confiante.

Adão – Ou será que as pistolas que viste na televisão eram as de Star Trek ou da Guerra das Estrelas? daquelas pistolas laser que até podem funcionar como secador de viagem...

Bernadette regressa de casaco, acompanhada por Jacques, que traz uma máquina fotográfica.

Jacques – Pronto. Assim, ao menos, levamos uma recordação desta paisagem maravilhosa. Para o caso de tudo correr mal de repente...

Eva (*preocupada*) – Têm alguma razão para pensar que as coisas podem correr mal de repente?

Bernadette – Nunca se sabe quando nos pode cair um meteorito em cima...

Jacques – Ou um bloco de gelo que se desprenda da sanita de um avião...

Adão e Eva trocam um olhar inquieto. Jacques tira uma fotografia da vista, enquanto Bernadette posa.

Bernadette – Na verdade, lamento imenso, mas afinal não podemos ficar...

Eva – Ah, sim...?

Adão – Que pena...

Bernadette – Acabei de receber uma chamada. A minha mãe morreu...

Jacques olha para a mulher, surpreendido.

Adão – Que estranho... Não, não por causa da sua mãe, claro... É que aqui não há rede. Era o que estava a explicar ao seu marido há pouco. Deve ser outro milagre.

Eva olha para ele indignada.

Eva – Sentimos muito pela sua perda. As nossas condolências...

Bernadette – Claro que pagamos a noite...

Eva – Nem pensar!

Adão – A não ser que insistam, naturalmente...

Eva – Por favor, sentem-se um bocadinho.

Jacques – E de que morreu?

Bernadette olha para o marido, irritada.

Bernadette (*para todos*) – Já estava muito doente, sabem... Mas, mesmo quando estamos à espera, custa sempre...

Jacques – E pensar que, com a idade dela, ainda andava de bicicleta...

Eva – Há seis meses tive de mandar abater o meu hamster. Estava cheio de tumores e já mal conseguia correr na roda da gaiola. Fiquei tão abalada... Imagino o que será perder uma mãe...

Bernadette, cada vez mais convencida do papel que representa, começa a chorar. Eva dá-lhe um lenço de papel.

Eva – Tome...

Bernadette – Obrigada... Fico muito comovida...

Adão (*para Eva*) – Mas antes do hamster, houve o teu pai... Morreu algumas semanas antes...

Eva – Eu sei... Parece monstruoso, mas a morte do meu pai não me abalou tanto como a do hamster...

Bernadette – Compreendo... Quando nunca se tiveram filhos...

Bernadette limpa as lágrimas e assoa o nariz ruidosamente. Aos poucos recompõe-se e bebe um gole.

Bernadette – Este vinho de dente-de-leão é mesmo delicioso. Leve, e com um sabor tão invulgar... O que é?

Eva – Provavelmente o dente-de-leão...

Bernadette – Ah, sim... Nota-se no paladar... É delicado...

Eva – Dizem que, para preparar este elixir milagroso, até lhe juntam as minhocas que encontram entre os dentes-de-leão.

Adão – É o que se chama beber os vermes antes de ir para debaixo da terra...

Eva – Comam uns amendoins... (*Bernadette serve-se.*) E o senhor, Jacques, ainda tem os seus pais?

Jacques – Bem... Sou adotado. A minha mãe morreu no parto, e o meu pai morreu num acidente de viação quando ia registar-me...

Adão – Talvez devesse ter um animal de estimação. Não substitui os pais, mas ajuda...

De repente, Bernadette levanta-se e começa a sufocar apavoradamente.

Jacques – Que se passa, querida?

Eva – Deve ser a emoção...

Jacques – Ou o vinho...

Adão – Parece-me antes que é um amendoim. Deve ter-se engasgado...

Adão levanta-se, coloca-se atrás de Bernadette, abraça-a à volta do peito e aperta-a bruscamente, num gesto um pouco ambíguo. Jacques observa-o, estupefacto. Bernadette acaba por cuspir o amendoim e recupera a respiração com dificuldade.

Adão – A manobra de Heimlich. Vi fazer numa série de televisão, quando ainda tínhamos televisão...

Bernadette – Nem sei como lhe agradecer... Pensei que morria asfixiada...

Adão – Isto pode matar, sabe? O amendoim devia seguir pelo esófago e resolveu fazer uma peregrinação à traqueia... Acontece muito quando estamos emocionados...

Bernadette – Salvou-me a vida!

Adão olha para ela, um pouco desconfortável.

Adão – Espero não me vir a arrepender...

Bernadette aproxima-se de Adão e abraça-o calorosamente, com devoção um tanto ambígua.

Bernadette – Obrigada... (*Afasta-se e volta-se para Jacques.*) E tu, sem fazeres nada! Deixavas-me morrer sufocada! Ainda bem que o Adão estava aqui...

Jacques não responde.

Adão – Tantas desgraças num só dia! Uma morte na família, agora quase morre engasgada... Isto já não é uma peregrinação, é uma via-sacra. Tem a certeza de que chega a Santiago de Compostela?

Eva – De qualquer forma, ficam cá para jantar, não ficam? O Adão leva-vos à estação depois. O próximo comboio para Paris é daqui a três horas...

Bernadette – Porque não? Muito obrigada pela vossa hospitalidade, a sério...

Eva – Vamos deixar-vos descansar um pouco...

Adão – O ar fresco dos Alpes...

Eva – Seja como for, temos de acabar de preparar a refeição. Ainda falta um bocadinho. Assim descansam e recuperam.

Adão – E começam a fazer o luto...

Jacques – Pelo menos ajudaremos a pôr a mesa...

Eva – Não, a sério, não é preciso... Vens, Adão?

Adão e Eva saem.

Bernadette – Eles são realmente adoráveis...

Jacques – Há pouco achavas que eram estranhos...

Bernadette – O que ela disse sobre a morte da minha mãe... Comoveu-me tanto...

Jacques – Mas a tua mãe não morreu, pois não?

Bernadette – Talvez não, mas eles não sabem disso. Além do mais, ele salvou-me a vida! Conheço-o há uma hora e já me salvou a vida! E tu, alguma vez me salvaste a vida, em todos estes anos de casamento?

Jacques – Então já não vamos embora?

Bernadette – Estamos bem aqui, não estamos?

Jacques – Mas eras tu que dizias que...

Bernadette – Só os parvos é que nunca mudam de ideias... E tu, nisso, tens sido muito coerente...

Ouvem-se balidos das cabras.

Jacques – É verdade que estas cabras balem de maneira estranha... Tens razão, parece que se riem de nós...

Adão volta.

Adão – Desculpem, é só um instante... Vou à quinta ao lado buscar o leite para o pequeno-almoço. Diretamente do úbere da vaca...

Jacques – Ah, sim... Também fazia isso em pequeno.

Bernadette – Os teus pais viviam em Paris.

Jacques – Nas férias, quando ia para casa da minha tia, na Normandia.

Adão – Faz parte do folclore local para os hóspedes...

Jacques – O leite acabado de ordenhar é outra coisa.

Bernadette – Pois, como o vinho do Porto... Suponho que o leite do supermercado também vem das vacas, não vem? Só o pasteurizam...

Adão – Claro que este tem de ser bem fervido. Quem sempre bebeu leite pasteurizado pode apanhar uma doença qualquer. Até febre tifoide...

Jacques – O leite do supermercado... Tiram-lhe a nata e a manteiga, vendem-nas à parte, e depois cobram-nos o dobro por aquilo que sobra.

Bernadette – O leite gordo não me cai bem...

Jacques – A minha mulher só bebe leite magro sem lactose. Sempre me perguntei o que fica no leite depois de lhe tirarem a nata e a lactose. Para isso, mais vale beber água mineral...

Adão – Que nos vendem ao preço do leite! Bem, tenho mesmo de ir, se não quero perder a ordenha...

Bernadette – Posso ir consigo? Fazia-me bem apanhar um pouco de ar...

Adão – Claro...

Bernadette – Não te importas de ficar sozinho, querido?

Jacques – Não, vai tu... *(Com ironia.)* Se isso te aliviar um pouco a tristeza...

Adão *(para Bernadette)* – Eu também já encontrei grande consolo nas vacas, nos momentos difíceis...

Adão e Bernadette saem. Jacques suspira. Eva regressa com um cesto.

Eva – Quer descascar umas cebolas comigo? Ajuda a distrair-se...

Jacques – Claro... *(Começam a descascar cebolas em silêncio.)* Vai achar-me um monstro, mas às vezes tenho vontade de a matar...

Eva – A sua sogra? Oh, isso acontece a toda a gente! Não se sinta culpado. E, de qualquer forma, o senhor não é responsável pela morte dela, pois não? Ou é?

Jacques – A minha sogra? Ah, não... Falava da minha mulher.

Eva – Ah... Pois, às vezes também me apetece matar o meu marido... *(Subitamente inquieta.)* Mas estamos a falar de uma ideia vaga, que passa logo, não estamos? Não de um princípio de execução... Quero dizer, de uma arma escondida numa mochila, por exemplo...

Jacques – Há pouco, quando ela se engasgou, é verdade que fiquei parado. Quem sabe? Talvez tenha pensado por um instante...

Eva – E se aquele amendoim resolvesse todos os meus problemas...? Mas não... São pensamentos que passam. Não fique preocupado. Sabe como se diz: o amor e o ódio andam muito próximos. Qualquer psicanalista lhe dirá que o ódio é o cimento do casamento!

Jacques olha para Eva, sem perceber se está a falar a sério. Suspira e contempla a paisagem.

Jacques – Talvez tenha razão... Talvez devêssemos vir viver para o campo. Encontrar um pouco de paz. Alguma harmonia no nosso casamento... Sabe se há quintas à venda por aqui? Podíamos ser vizinhos.

Eva olha-o com preocupação.

Eva – Isso... Não sei... E olhe que aqui estamos muito isolados. Ou se tem dinheiro ou um trabalho que se possa fazer em qualquer lado. Nem sequer temos internet...

Jacques pousa a mão sobre a de Eva e olha-a com ternura.

Jacques – Obrigado por me ouvir, Eva. Comoveu-me, a sério. Estou quase com lágrimas nos olhos...

Eva (*surpreendida*) – Devem ser as cebolas...

Eva retira a mão e procura mudar de assunto.

Eva – E o senhor, Jacques, em que trabalha?

Jacques – Bem... Tenho a mesma profissão que a minha mulher.

Eva – Assim sempre têm assunto de conversa à noite. Sobre o trabalho, quero dizer... Mas em que trabalha a sua mulher?

Adão e Bernadette regressam.

Eva – Já voltaram!

Adão – Não trouxemos leite. A vaca não estava em condições.

Bernadette – Foi incrível! Assistimos ao nascimento de um vitelo... Nem imagina o que senti...

Eva – Ah, imagino... A morte de uma mãe, o nascimento de um vitelo... Tudo no mesmo dia. Tantas emoções...

Bernadette – São coisas que já não vemos em Paris.

Adão – Agora que penso nisso, Jacques, assistiu ao parto da sua mulher?

Jacques não chega a responder: Bernadette interrompe-o.

Bernadette – A natureza é uma coisa extraordinária... Quando a vemos assim, de frente... (*Desata a chorar.*) Meu Deus! A vaca estava de pé, com as duas patas do vitelo já a sair por... Foi horrível. Ataram-lhe uma corda às patas e três homens começaram a puxar...

Adão – Confirmo. Três autênticos cretinos dos Alpes.

Bernadette (*a chorar*) – E pensar que eu também pari uma vitela...

Os outros três olham-se, sem saber se foi um lapso.

Eva – Talvez fosse melhor irmos jantar. Não quero que percam o comboio...

Adão – Que preparaste de bom, querida?

Eva – Vitela...

Jacques – Vamos ajudar a pôr a mesa.

Bernadette – É tudo o que consegues dizer?

Jacques fica perplexo. Eva sai, seguida de Jacques. Bernadette e Adão preparam-se para segui-los.

Bernadette (*em voz baixa, para Adão*) – Já não o suporto... Às vezes penso: quem me dera que tivesse apanhado aquele Concorde em vez de partir o cóccix.

Adão fica desconcertado.

APAGÃO

Noite

Os quatro acabam de jantar. Adão e Eva vestiram-se para a ocasião; Jacques e Bernadette continuam com os seus trajes de caminhada.

Bernadette – Estava delicioso! Não estava, Jacques?

Jacques – Sem dúvida. Não sei se o quarto merece três espigas, mas o jantar bem merece a terceira espiga!

Adão e Eva trocam um olhar intrigado.

Bernadette – Terá de dar a receita ao meu marido, Eva.

Jacques – Quando se tem matéria-prima de qualidade...

Eva – É praticamente do produtor ao consumidor. Compramos a vitela na quinta aqui ao lado...

Bernadette sente-se desconfortável.

Adão – Não foi o vitelo que viram nascer há pouco, claro! Mas suponho que também tenha vindo ao mundo de maneira parecida...

Eva – Compro um vitelo inteiro de dois em dois meses. Cortam-no em pedaços e entregam-mo congelado, em sacos de plástico.

Bernadette – Ah, que prático...

Eva – Mas não sei se o agricultor vai poder continuar a fazer isso. Agora que ficou sem mulher...

Jacques – Também se enforcou?

Eva – Está presa...

Adão – Encontraram-lhe meia dúzia de bebés no congelador...

Eva – Espero que os sacos estivessem bem identificados...

Faz-se um silêncio embaraçoso. Eva tenta mudar de assunto.

Eva – Ainda bem que, afinal, a mãe da senhora não morreu. Assim podemos passar a noite todos juntos...

Adão – Mas o que aconteceu ao certo?

Bernadette – Bem...

Bernadette olha para o marido, pedindo-lhe que a ajude.

Jacques – Um erro trágico... Um ladrão tinha acabado de roubar todos os documentos dela.

Bernadette – Um polaco, ao que parece.

Jacques – Um sem documentos, precisamente.

Bernadette – Completamente bêbado.

Jacques – Já sabem como são os polacos...

Bernadette – Agora nem precisam de passaporte para entrar em França.

Jacques – Resumindo, quando o homem saía da casa da minha sogra, zás! Foi atropelado por um carro da polícia.

Bernadette – Morreu ali mesmo.

Jacques – Foi uma carnificina.

Bernadette – É que eles conduzem como loucos...

Jacques – Quando ligam a sirene.

Bernadette – Muitas vezes só para irem fazer apostas à casa de apostas do bairro...

Jacques – Como o ladrão levava os documentos da minha sogra, a polícia pensou que a morta era ela.

Bernadette – E avisaram-nos.

Jacques – Felizmente, entretanto, a nossa filha foi à morgue reconhecer o cadáver.

Bernadette – E viu logo que não era a avó...

Jacques – Era o polaco...

Bernadette – Todo bêbado...

Jacques – E morto, ainda por cima.

Adão e Eva estão um pouco atordoados com esta história complicada.

Eva – Por vezes a realidade ultrapassa a ficção.

Adão – Se alguém contasse isto numa série de televisão, diríamos que o argumentista tinha exagerado...

Jacques – E de qualquer modo não era noite para nos fazermos à estrada. Tinham razão. Estão a ver? Está a nevar!

Bernadette – Tens a certeza?

Jacques – Olhem... Os flocos são cor-de-rosa...

Adão (*olhando*) – Não, são as pétalas da cerejeira que está junto à casa.

Eva – A floração está a acabar. Sempre que faz vento...

Jacques – É verdade, está um vento forte...

Bernadette – Faz-me lembrar aquela tempestade nas Landes, no sudoeste de França, em 1999. Lembras-te, Jacques? Em Biscarrosse, começou assim, mesmo antes de arrancar o telhado ao nosso hotel e arrasar 250 mil hectares de floresta.

Ouve-se um trovão. Adão e Eva trocam um olhar preocupado.

Eva – Continuem a comer queijo. Faço-o eu mesma com o leite das cabras que pastam ali à frente. Embora agora esteja escuro e já mal se vejam...

Bernadette – Mas ainda se ouvem...

Ouvem-se os balidos das cabras.

Jacques – E parece que se estão a divertir...

Jacques e Bernadette trocam um olhar e desatam a rir, mas controlam-se rapidamente.

Eva – Vendo o queijo que sobra nos mercados da região. Os clientes parecem sempre encantados. Basta ver os sorrisos com que ficam!

Jacques – Nesse caso, vou servir-me de mais um bocadinho desse queijo que dá vontade de rir...

Bernadette também se serve.

Bernadette – Mmm... Que delícia...

Jacques – E tem um travo... Não sei bem a quê...

Bernadette – Nota-se que é biológico...

Eva – Vou buscar a sobremesa... *(Antes de sair, em voz baixa, para Adão.)* Fizeste-os fumar alguma coisa?

Adão – Garanto-te que não... E quase não beberam...

Eva – Deve ser o estado natural deles...

Adão – Ou então é o vinho de dente-de-leão misturado com este ar da montanha, que dizem ter pouco iodo...

Eva sai.

Adão – Mas ainda nem sabemos em que trabalham... Estou intrigado...

Jacques – Bem... Contamos-lhes, Bernadette?

Bernadette – Força... A esta altura já não temos nada a esconder...

Jacques – Somos clientes-mistério.

Adão – Ah, claro... Agora está tudo perfeitamente esclarecido...

Eva regressa com uma tarte de morangos espanhóis.

Jacques – Clientes-mistério! Nunca ouviram falar?

Adão – Não.

Bernadette – Por exemplo, uma cadeia hoteleira contrata-nos para ficar incógnitos num dos seus hotéis de luxo...

Jacques – Ou num dos mais económicos. Depende.

Bernadette – Tudo pago, naturalmente...

Jacques – No fim, entregamos um relatório detalhado sobre a qualidade do serviço.

Bernadette – E os funcionários incompetentes são imediatamente despedidos, claro, sem indemnização...

Jacques – Um chefe de cozinha famoso pode perder a terceira estrela Michelin...

Bernadette – E uma casa rural onde uma pessoa tem de se ajoelhar para se enforcar pode perder a terceira espiga.

Eva parece consternada.

Eva – E pagam-vos para fazer isso?

Jacques – É um trabalho...

Adão – Mas, neste momento, estão de férias ou a trabalhar?

Bernadette (*misteriosa*) – Ah...

Jacques – Três espigas não se ganham assim sem mais nem menos...

Adão – E o Caminho de Santiago? Também vão lá como peregrinos-mistério?

Eva – Ou é só uma história de cobertura?

Jacques – No ano passado, foi o Vaticano que nos mandou a Lourdes, aquela cidade francesa das aparições.

Bernadette – Queriam saber se a reputação de Santa Bernadette não estava um bocado exagerada.

Jacques – Já passou muito tempo desde o último milagre...

Pequeno desconforto.

Bernadette – Então, e esta tarte? Vamos prová-la?

Jacques – Vamos ver se merece a terceira espiga!

Eva (*defensiva*) – É uma tarte de morangos silvestres...

Jacques – São enormes, os morangos desta região!

Adão – E ainda não viram as trufas! Para desenterrar a maior que encontraram aqui foi preciso uma escavadora.

Eva serve a tarte.

Eva – Pensando bem, até é uma profissão agradável, não é?

Adão – Receber dinheiro para denunciar pessoas, quando há tanta gente disposta a fazê-lo de graça... Basta lembrar o que se passou em França durante a ocupação alemã...

Eva – Portanto, passam a vida em férias... ou em compras?

Bernadette – Ao fim de algum tempo cansa. E às vezes até é perigoso. Já vos contámos o caso do Concorde...

Eva – Então, nessa altura também estavam em missão?

Jacques – Sabe como é nos aviões: o atendimento nem sempre corresponde...

Bernadette – E nos hotéis também não. Já para não falar dos quartos em casas particulares. Hoje, qualquer pessoa transforma um sótão sem janelas num alojamento de charme... Não é o vosso caso, claro.

Jacques – Mesmo assim, às vezes pergunto-me se não trazemos azar...

Eva – É curioso, também eu começo a pensar nisso...

Jacques – Parece que, por onde passamos, nunca mais cresce erva.

Adão – Erva?

Jacques – Estávamos a trabalhar na Tailândia mesmo antes do tsunami. E íamos para o Haiti pouco antes do terramoto...

Adão e Eva olham-se com consternação.

Jacques – Espero que não vos estejamos a dar azar também...

Bernadette (*voltando à tarte*) – Nunca vi morangos tão grandes... Tem a certeza de que não são duas metades de melão?

Jacques – Diga-me, Eva, não resisto a perguntar: é a senhora quem posa para os quadros do Adão?

Eva – Não me diga que também mandam clientes-mistério aos ateliês dos pintores...

Jacques – Ainda não. É pura curiosidade...

Eva – Nesse caso, também tenho direito à minha parte de mistério...

Jacques – E a pintura... Dá para viver disso?

Adão – Hoje os nus já não se vendem como antigamente. Quando era pequeno, ia ao Louvre só para ver mulheres nuas. Mas agora, com a internet...

Bernadette (*para Adão*) – Já experimentou pintar cabras?

Adão – Perdão?

Bernadette – Em vez de mulheres... Já experimentou pintar cabras? Também podem ser bonitas.

Jacques – E muito divertidas. Ouça como se riem...

Bernadette – E ainda dão queijo!

Eva – Querem mais um bocadinho?

Jacques – Não vamos deixar ficar tão pouco...

Jacques come mais queijo, com um sorriso pateta.

Eva – Posso fazer-vos uma pergunta indiscreta?

Bernadette – Faça favor...

Eva – Como se conheceram os dois?

Jacques – Nunca vai adivinhar...

Adão – Nos escuteiros?

Bernadette – Como é que adivinhou?

Adão – Ocorreu-me, assim de repente...

Bernadette – A vida em tendas cria laços.

Jacques – As tendas não eram mistas, claro...

Bernadette – Mas houve uma noite em que uma tempestade levou as tendas todas, num acampamento na floresta de Fontainebleau, perto de Paris.

Jacques – Acabámos todos cá fora às três da manhã, em roupa interior.

Bernadette – E a natureza fez o resto... E vocês, onde se conheceram?

Adão – Num clube de troca de casais.

Jacques – Ah, sim?

Adão – Bem, era um clube de férias. Mas vai dar ao mesmo. Fui com um amigo e cada um acabou na cama com a mulher do outro...

Jacques (*filosófico*) – No fundo, o mundo é um enorme clube de troca de casais.

Bernadette olha para ele um pouco perplexa.

Bernadette – E se acabássemos a noite com uma partida de Trivial Pursuit?

Eva – Desculpe, mas não temos jogos de tabuleiro...

Bernadette – Isso vai custar-vos pontos na avaliação da terceira espiga... Uma casa rural tem de ter jogos. Felizmente, trazemos sempre os nossos. (*Adão e Eva trocam um olhar de desespero.*) Vai buscá-lo, querido. Está na mochila... (*Jacques sai.*) Debaixo do revólver... (*Adão e Eva ficam petrificados.*) Quero dizer, do secador de cabelo. Vão ver, o Jacques e eu fazemos uma equipa imbatível.

Eva – Não me custa nada acreditar...

Jacques regressa com um Trivial Pursuit em miniatura e coloca-o na mesa.

Bernadette – É a versão de viagem, claro.

Eva – É preciso bons olhos para ler as cartas...

Bernadette prepara o jogo e volta-se para Jacques.

Bernadette – Esqueceste-te dos dados...

Jacques – Desculpa.

Jacques sai de novo.

Bernadette – Jogamos por equipas, para ser mais rápido? Qual é a peça que escolhem?

Adão – Sei lá... A vermelha...

Adão estende a mão para a peça, mas Bernadette agarra-lhe o pulso com firmeza.

Bernadette – Não toques nessa, idiota!

Adão e Eva assustam-se com a agressividade.

Bernadette (*mais doce*) – A vermelha é a nossa peça da sorte. É melhor ficarem com a laranja...

Adão – Está bem...

Jacques regressa com dois dados enormes. Mais tarde perceber-se-á que um deles tem sobretudo setes nas faces e o outro sobretudo uns. Adão e Eva olham para os dados, espantados por caberem nas mochilas.

Adão e Eva ficam de boca aberta.

Jacques entrega a Eva o dado com números pequenos.

Jacques – É a sua vez, para vermos quem começa...

Eva lança o dado.

Eva – Um.

Bernadette – Agora nós...

Bernadette lança o outro dado.

Bernadette – Sete!

Adão e Eva mostram surpresa.

Jacques – Começamos nós. Vamos ver se ganhamos já o primeiro queijo. Geografia. Podem ler-nos uma pergunta?

Bernadette – Tire uma carta daquela caixa.

Eva tira uma carta e lê.

Eva – Qual destas três cidades francesas não fica nas margens do rio Loire: Tours, Blois ou Lille?

Jacques e Bernadette trocam impressões antes de responder.

Bernadette – Lille...?

Adão – Muito bem!

Bernadette – Viajar por França também serve para aprender geografia...

Jacques – Voltamos a jogar.

Bernadette lança o dado.

Bernadette – Outro sete! Amarelo: História.

Eva – Qual destas três cidades não fica na Alemanha: Lisboa, Berlim ou Munique?

Jacques e Bernadette consultam-se de novo.

Bernadette – Lisboa?

Adão – Tem a certeza de que essa pergunta era de História?

Bernadette – Mais um queijo! É a tua vez de lançar o dado, querido.

Jacques lança o dado.

Jacques – Outro sete!

Bernadette – Laranja: Desporto.

Eva – A que velocidade chegou o serviço de Boris Becker em Roland-Garros, em 1986, com uma margem de erro de dois quilómetros por hora?

Bernadette (*contrariada*) – Foste tu que guardaste as cartas da última vez, Jacques?

Jacques – Sim, talvez...

Bernadette – Eu diria... cinquenta e dois quilómetros por hora?

Jacques – Tanto? Isso já é quase a velocidade de uma mota...

Bernadette – Então, quarenta e oito.

Eva – Não. Duzentos e sessenta e nove.

Bernadette (*a Jacques*) – Vês? Por tua culpa perdemos... Faz parte do jogo. Não se pode ganhar sempre. Agora é a vossa vez. Lancem este dado.

Adão lança o dado.

Adão – Um.

Bernadette – Qual é o nome comercial mais conhecido de um medicamento à base de cloroquina? Atenção, há uma rasteira...

Eva – Não faço ideia...

Adão – Nivaquine.

Eva – Boa!

Bernadette (*a ler*) – Sangria.

Eva – Sangria...?

Bernadette (*voltando a ler*) – Parece estranho, mas é o que aqui diz...

Jacques – Como no futebol! Se começamos a contestar as decisões do árbitro...

Bernadette – Desculpem, agora é a nossa vez! (*Lança o dado.*) Outro sete! Estamos cheios de sorte...

Jacques – Então... Verde, também para nós.

Eva – Quantas bossas tem um camelo?

Jacques – Confundo-o sempre com o dromedário... (*Reflete.*) Diria que pelo menos duas.

Adão – Estou impressionado...

Bernadette – Mais um queijo! Vá, um setezinho... (*Lança.*) Sete! Castanho: Literatura.

Eva tira uma carta.

Eva – Como se chama o cavalo do Lucky Luke?

Bernadette (*a Jacques*) – Esta é difícil. Literatura não é o nosso forte... Sei que o cão do Lucky Luke é o Rantanplan... (*Arrisca.*) Jolly Jumper?

Adão – Avisaram-nos de que eram imbatíveis, mas isto...

Bernadette (*a Jacques*) – Vá, agora és tu a lançar.

Jacques lança o dado.

Jacques – Dois...

Bernadette – Lançaste com força a mais! Enfim, faz parte do jogo...

Eva – Quantos anos pode viver uma cenoura?

Bernadette (*furiosa com Jacques*) – Da próxima vez sou eu que guardo as cartas...

Jacques – Quer dizer, se não for comida antes?

Bernadette – Sei lá...

Jacques – Menos do que um coelho, não?

Bernadette – Pois, o coelho come a cenoura...

Jacques – Cinco anos, talvez?

Eva – Dois.

Bernadette – Ora, ora...

Eva – Em média.

Bernadette – Agora vocês...

Eva lança o dado.

Eva – Um, outra vez...

Adão – Tenho a impressão de que não nos vamos deitar muito tarde.

Eva – Pergunta laranja.

Bernadette – Boa oportunidade para recuperarem. Esta é fácil: que clube ganhou a primeira Taça dos Campeões Europeus de futebol?

Adão fica sem palavras.

Bernadette – Claro, para isto é preciso perceber de futebol...

Adão – Não faço ideia.

Eva – O Real Madrid?

Bernadette – Como sabia?

Eva – Foi só um palpite.

Bernadette (*aborrecida*) – Muito bem... Outra vez para vocês.

Eva lança o dado.

Eva – Dois.

Adão – Estamos a melhorar...

Bernadette – Qual é a região francesa famosa pela quiche lorraine...? (*Fica pálida.*) Ah, esta pergunta já saiu há pouco...

Jacques – Deve estar no outro baralho...

Bernadette – Vou buscar outra.

Jacques – Nunca saberemos se sabias a resposta certa. É o jogo...

Bernadette procura entre as cartas até encontrar uma que lhe agrade.

Bernadette – Ah, aqui está! Laranja: Desporto. Pensava que futebol não era a vossa especialidade... Quantos golos marcou o francês Just Fontaine no Mundial de 1958?

Adão (*a Eva*) – Vai tu...

Eva – 9...?

Bernadette – Treze! Não se pode ter sorte sempre. Agora nós! (*A Jacques.*) Desta vez lanço eu...

Ela lança o dado.

Bernadette – Sete! (*A Jacques.*) Estás a ver? É preciso lançar com jeitinho... Rosa, para o último queijo.

Eva – Em que museu se conserva o crânio de Napoleão quando era criança?

Bernadette (*consultando Jacques*) – Ele nasceu em Ajaccio...

Adão – Atenção, só podem dar uma resposta!

Bernadette – Diria... no Museu do Exército, nos Invalides, em Paris.

Eva vira a carta, lê a resposta e fica incrédula.

Eva – É mesmo essa!

Jacques e Bernadette celebram a vitória.

Jacques prepara-se para arrumar o jogo. Bernadette pega numa faca que está em cima da mesa e encosta-lha ao pescoço.

Bernadette (ameaçadora) – Desta vez, sou eu que arrumo as cartas. Está bem?

Jacques encolhe os ombros. Bernadette arruma o jogo sob o olhar aterrorizado dos anfitriões.

Bernadette (de novo melosa) – E agora, uma partidinha de Monopólio?

Adão e Eva mostram pouco entusiasmo.

Jacques – Ou um Mille Bornes? É um jogo de cartas francês...

Eva – Ou um Cluedo?

Jacques – Ou strip poker?

Eva – Talvez seja melhor irem descansar. Amanhã ainda têm muito que caminhar...

Bernadette – Bem... Querem que o meu marido lave a loiça?

Eva – Não, não! Nem pensar...

Jacques – Então até amanhã, ao pequeno-almoço...

Eva – Chá ou café?

Jacques – Não se incomodem.

Bernadette – Preparem os dois, depois escolhemos...

Adão – Boa noite.

Jacques e Bernadette despedem-se e entram em casa.

Adão e Eva ficam sozinhos, exaustos.

Adão – Lavas a loiça ou seco-a eu?

Eva – Deixamos isso para amanhã e bebemos uma infusão? Estou mesmo a precisar...

Adão – Uma noite tranquila, não achas?

APAGÃO

Durante a noite

Numa luz de sonho, ao som de uma música que evoca um western, Jacques e Bernadette aparecem em extremos opostos do palco, ainda vestidos de escuteiros. Estão de costas um para o outro, com algo parecido com uma arma na mão. Viram-se lentamente e apontam um ao outro: afinal seguram secadores de cabelo. O barulho é ensurdecedor, como se os dois estivessem no centro de uma ventania...

APAGÃO

Manhã seguinte

A luz sobe lentamente. O palco está vazio. Adão aparece de pijama, com uma chávena de café. Senta-se a ler o jornal, contemplando a paisagem. Eva chega de camisa de noite, ainda meio a dormir, com um copo de leite.

Eva – Ainda não se levantaram, pois não?

Adão – Estão de férias. Devem estar a dormir até tarde. (*Lê o jornal.*) Sabias que os Alpes ficam numa zona sísmica?

Eva – Não.

Adão – Até houve um sismo esta noite.

Eva – Ah, entendi...

Adão – Vem no jornal. Dois graus na escala de Richter. Não demos por nada, mas pode ser um presságio... Lembras-te do que eles disseram?

Eva – Quem?

Adão – Os nossos hóspedes. Átila e a mulher: por onde passam não volta a crescer erva. Sempre que saem de algum lugar, acontece uma catástrofe.

Eva – Eles ainda não partiram...

Adão – Não sei... Tenho um mau pressentimento.

Eva parece não estar a prestar muita atenção.

Eva – Espero que não apareçam para tomar o pequeno-almoço à hora de almoço. (*Prova o leite e faz uma careta.*) Tenho de admitir: custa-me cada vez mais beber o leite da quinta vizinha...

Adão – Agora que ela está na prisão...

Eva – Pois... Tem um sabor a leite em pó para bebés.

Faz-se um silêncio.

Eva – Vou espreitar discretamente o quarto. Talvez se tenham matado à machadada depois de uma partida de Mastermind. Ontem à noite estavam bastante exaltados...

Adão – Queres que vá eu?

Eva – Não é preciso. Se vir uma poça de sangue por baixo da porta, chamo-te...

Adão volta à leitura do jornal e detém-se num artigo que lhe chama a atenção.

Eva volta.

Adão – Ouve isto. (*Lê.*) «As autoridades de saúde ainda não conseguem explicar uma vaga de comportamentos estranhos numa pacata região dos Alpes, perto da fronteira suíça. Alucinações coletivas, exibicionismo, orgias... e, nos casos mais graves, festas de

fondue. Há uma pista: todas as pessoas afetadas comeram queijo de cabra de produção local...»

Adão levanta os olhos do jornal e olha para Eva.

Adão – Estás com uma cara...

Eva – Foram-se embora.

Adão – A sério?

Eva – A cama não foi usada. Nem sei se chegaram a dormir no quarto.

Adão – Se calhar fizeram a cama antes de sair.

Eva – Teria sido simpático...

Adão – Um hábito dos escuteiros, certamente. Não deixaram nenhum recado?

Eva – Um cheque é que não deixaram...

Adão – Ao menos não roubaram nada, pois não? (*Eva lança-lhe um olhar pouco tranquilizador.*) Não?

Eva – O quadro que pintaste de mim, nua... Só lá ficou a moldura. Cortaram a tela, ao que parece.

Ambos tentam assimilar a notícia.

Adão – Detesto ser pessimista, mas a terceira espiga parece-me cada vez mais distante...

Silêncio.

Eva – Clientes-mistério...

Adão – Começo a pensar que gozaram connosco...

Eva – Ou então sonhámos com tudo.

Adão – Um pesadelo, queres tu dizer...

Eva – Já nem sei se foi boa ideia abrir este alojamento...

Adão – Desde que cá chegámos, não pintei um único quadro. A paisagem e as cabras não me inspiram...

Eva – E eu, entre o leite da vizinha e o queijo de cabra, já engordei cinco quilos.

Adão – Pois, reparei...

Eva olha-o, cansada.

Eva – E agora, o que fazemos?

Adão – Temos de reconhecer que o paraíso é como umas férias no Club Med. É ótimo durante uma semana ou duas. Mas quem é que quer lá viver para sempre?

Eva – Ainda podemos tentar vender a quinta aos ingleses e voltar para Paris.

Adão – Parece que a libra está outra vez a subir...

Ficam um momento a olhar para a paisagem, como hipnotizados.

Eva – Já reparaste que as cabras conseguem chegar às tuas plantas de canábis se esticarem o pescoço por cima da vedação?

Adão – E pelos vistos gostam delas...

Ouvem-se balidos que parecem gargalhadas.

Eva – Achas que o queijo feito com o leite de cabras que comeram canábis também pode provocar alucinações?

Adão – Não sei...

Eva – Como um bolo de canábis, só que feito com queijo de cabra...

Adão – Estás a ver? Inventámos sem querer o «space crottin»! Um crottin é um pequeno queijo de cabra francês... Mas o nosso vem com um ingrediente especial!

Eva – Devíamos patenteá-lo!

Adão – Ou dar-lhe uma denominação de origem: «Cretino de Chavignol»! Como o famoso Crottin de Chavignol, um queijo de cabra francês, mas em homenagem aos nossos cretinos dos Alpes...

Eva – Seja como for, não é mau. Ontem à noite os hóspedes repetiram três vezes.

Adão – Isso explicaria o comportamento deles...

Eva – Pois... (*Pensativa.*) E nós andamos a comê-lo há três meses...

Silêncio contemplativo. Pode ouvir-se uma música indiana dos anos setenta.

Adão – Quem são aqueles dois idiotas que estão a pisar as minhas plantações?

Eva – São os novos hóspedes... (*Ele olha-a sem compreender.*) Os que chegam hoje à noite... (*Voltam a sentar-se, desanimados, à mesa do pequeno-almoço.*) Estava a pensar no que disseste ontem.

Adão – O quê?

Eva – No cinema, quando as luzes se apagam e o filme está para começar, porque é que há sempre um casal de idiotas que chega atrasado, se senta mesmo à nossa frente e nos tapa as legendas?

Adão – Pode parecer horrível, mas começo a perguntar-me se não somos nós que os atraímos... Olha só, até aqui nos vêm perseguir!

Ouvem-se balidos das cabras.

Eva – Então, que fazemos?

Adão – Não vamos deixar-nos invadir sem luta. Temos de defender o território, com unhas e cascos!

Eva – Com unhas e cascos? Não querias dizer «com unhas e dentes»?

Adão – Lembra-te do Álamo!

Trocam um olhar. De repente, em simultâneo, viram a mesa do pequeno-almoço para fazer dela uma barricada e tiram duas pistolas de brincar que tinham escondido por baixo, presas com fita-cola.

APAGÃO. Ouvem-se rajadas de tiros e balidos de cabras assustadas...

Adão – Acho que acertei num deles.

Eva – Eu também.

Os balidos cessam de repente.

Adão – Não se ouviu nada...

Eva – Tens a certeza de que não acertámos nas cabras? Já não as ouço rir...

Música de encerramento.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-057-5

Documento para download gratuito